

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

História da Literatura Cearense

Dolor Barreira - Instituto do Ceará - Fortaleza - 1948 e 1951

Quando se fizer a História da Literatura Brasileira dentro de vasto plano que abarque o panorama geral da nossa cultura, essa obra de Dolor Barreira será fonte de consulta indispensável.

O autor, sem medir sacrifícios pessoais e profissionais, conseguiu fazer uma pesquisa meticulosa através das principais publicações no Estado, desde os tempos coloniais até aos nossos dias. Jornais, revistas, anuários, livros, documentos enterrados nos arquivos, passaram por uma devassa rigorosa, uma exumação completa e daí a admirável colheita de fatos e informações históricas cronologicamente alinhados sobre tudo que se passou no âmbito da inteligência cearense.

Há aqui a aquisição abundante de material posto ao pé dos alicerces de um grandioso edifício nacional a construir.

O escafandrista das letras tabajaras conseguiu, num fundo mergulho retrospectivo, fazer a ressurreição do nosso passado, dando vida às cousas mortas, pela recordação dos movimentos literários e dos nomes dos obreiros esquecidos.

Pelo feito antológico da obra, tudo revive á luz da mésse de poesias e canções que antigamente tiveram o seu momento de glória.

Se recordar o passado é viver novamente, devemos agradecer ao autor esse milagre de uma vida nova, pelo fóco de luz derramado aos dias que se fôram, apagados no crepúsculo de outros sóis, animando figuras e episódios já de todo espiritualizados pela morte, toucados do nimbo da imortalidade, pela sagração dos pósteros de que se fazem contemporâneos, por força da sobrevivência das suas composições.

Num nobre gesto de sinceridade e justiça, o autor não oculta antes ressalta vivamente a cooperação valiosa que teve para levar a bom termo a sua obra, quando, na abertura do segundo tomo, diz: — “Todas essas pesquisas e indagações fôram feitas, com inteligência e marcante poder de observação, pela professora Maria da Conceição Sousa, que foi, em verdade, quem — arrostando corajosamente a *poeira dos arquivos*, — me forneceu a maior parte do material com que pude, do melhor modo ao

meu alcance, reconstituir o nosso passado literário na década analisada. Sem falar em outras fontes de informação, a coleção d'“A República” de 1900 a 1910 compulsou-a e examinou-a toda, extraindo dela, com apreciável senso seletivo, o que pudesse servir — como efetivamente serviu — aos fins e á eficiência desta desvaliosa contribuição para a história das letras cearenses. Foi, assim, a prestante auxiliar da Biblioteca do Instituto verdadeira colaboradora num empreendimento que talvez não tivesse tido a fortuna que o coroou não fôsse essa cooperação, que a justiça manda confessar e reconhecer. Não é só. Á professora Maria da Conceição Sousa devo todo o trabalho de dactilografia, sempre a exigir o maior cuidado e paciência e bem assim a prestimosidade com que me auxiliou na revisão deste volume. Deixo-lhe, a ela, expresso, aqui, o meu profundo reconhecimento”. E' digno de louvor a honestidade dessa honrosa confissão.

Não regateamos as nossas palmas pelo muito que foi realizado até agora, nessas duas partes da obra. Aguardemos, porém, a sua conclusão com os volumes subsequentes em elaboração, para que, numa visão de conjunto, possamos fazer juízo definitivo, numa apreciação mais ampla e justa do que este simples registro bibliográfico. — M. L.

CAPISTRANO DE ABREU — Pedro Gomes de Matos — Fortaleza — 1953.

É um opulento volume onde o autor deita muita luz sobre a vida e obra do insigne historiador conterrâneo, tão carinhosamente estudado como um dos mais nobres expoentes da cultura brasileira. Desde a nossa "Academia Francesa", o nome de Capistrano surgiu, entre os seus companheiros como um dos maiores, abrindo para a nossa terra uma época de prestígio e desvanecimento. No magnífico movimento daqueles rapazes de 1878 ha de ser visto sempre o marco luminoso da nossa formação espiritual.

Lembrar Capistrano é glorificar a nossa gleba tão fecunda na contribuição dada ao desenvolvimento das letras pátrias.

Este livro de Pedro Gomes de Matos tem a virtude de mostrar o valor de uma raça que, em meio do pandemônio de tantas vicissitudes, renasce de si mesma, aureolada de dor e de glória. Andar pela vida de um homem é palmilhar caminhos ínvios e atravessar um dédalo, levado por uma força invencível. Esse objetivo foi excelentemente conseguido com esse retrato de uma das figuras mais representativas do Brasil mental, pondo em relêvo as suas dominadoras qualidades de mestre. Esse homem, que se fez admirável cavouqueiro da nossa História, ficou em nossos fastos como um índice da nossa superioridade intelectual, mal grado aquelas exquisites do seu temperamento que o faziam fugir das multidões, dos convívios sociais, para ficar só, orgulhosamente só, exilado em si mesmo, no egocentrismo que o trancava no mundo interior das suas cogitações e preferências, sarcasticamente longe das cousas circundantes, como que a sentir a ironia e o desatino dos homens, no choque das paixões. Já nos primeiros tempos, a atividade do seu espírito se espraiava largamente, perlustrando as ciências históricas, geográficas, etnológicas e sociais, penetrando pela crítica e a filosofia das religiões e das literaturas, tornando-se pontífice no gênero. Temos diante dos olhos, como ao toque de uma ressurreição, a grande vida e a grande obra do conspícuo historiador, nêsse esplêndido ensaio biográfico, traçado com a sobriedade, a argúcia e a simpatia de um amoroso das cousas do nosso rincão. Pôde o autor compendiar as melhores informações e depoimentos de valia para os estudiosos das nossas letras, quando se aproxima o 1º centenário de nascimento de Capistrano, contribuindo, da melhor fôrma, para a celebração do glorioso evento.

O nome do biógrafo se impõe á estima e admiração de todos, pela excelência de seu trabalho, que revela a personalidade de um escritor digno de francos aplausos. — M.L..

AO LÉU DOS DIAS — Eduardo Girão — 1952.

Eduardo Girão, na multiplicidade das suas aptidões intelectuais — professor, jurista, advogado, parlamentar e político — deu sempre brilho às tradições mentais da terra cearense.

Com a publicação de “Ao léu dos Dias” — apresenta-se como pensador e homem de letras, mostrando outra mentalidade de seu espírito. Todos os sentimentos e paixões desfilam através dessas páginas, fazendo-nos meditar sobre o penetrante senso psicológico com que foram enunciados, interpretados e definidos, com a ternura lírica de Tagore ou a fragância mística do *Cantico dos Canticos*. O amor, o ódio, a tristeza, a saudade, a maldade humana, o humorismo, a política têm aí, em pensamentos felizes, o conceito preciso. Se a poesia é a linguagem do coração, o autor, sem intenção talvez, revelou-se um lídimo poeta. Aqui está um oásis florido onde a alma sequiosa se dessedenta nessa fonte de água pura. — M.L.

DISCOS VOADORES — Bóris Freire — Rio — 1952

Eça de Queiroz lamentou a decadência do riso. A alegria de viver, que faz almas e corpos sadios, retempera uma raça e dá-lhe animo para as maiores refregas da vida. Ninguém resiste á força de um riso desconcertante e mordaz. O velho aforismo — “Ridendo castigat mores” — encerra um fundo conceito filosófico e social. Juvenal immortalizou-se vergastando com as suas Sátiras os vícios de Roma. Cervantes fazendo a caricatura de uma época continúia vivendo através dos tempos. Gregório de Matos, Laurindo Rabelo ou Emilio de Menezes ficaram em nossa historia como látegos de ironia. Humberto de Campos, travestido de Conselheiro XX, deu-nos, em prosa grácil, com finura e verve, os seus *Grãos de mostarda*.

Aqui temos *Discos Voadores*, em redondilhas perfeitas, como um saboroso petisco polvilhado de sal e pimenta. O pseudônimo não conseguiu esconder o nome de Augusto Linhares, culto e brilhante escritor dos mais queridos, que muito bem sabe esgrimir o florêto do epigrama, com graça amavel e risonha galantaria, com o singular bom humor dos que compreendem que tristezas não pagam dívidas e que a alegria é a saúde da alma. — M.L.

ALMANAQUE DO CEARÁ — Fortaleza — 1953.

E’ esse anuário a mais antiga publicação cearense, existente entre nós. Desde 1895, há 58 anos consecutivos, tem circulado regularmente, prestando relevantes serviços ao nosso Estado, como guia tradicional de

informações fidedignas, nas várias seções que mantem. Com êle temos o Ceará nas mãos, no tocante á vida administrativa, comercial, política e literária, nos seus múltiplos aspectos. Atualmente é propriedade de A. Batista Fontenele e Leonardo C. Fontenele que o dirigem com exemplar abnegação, intelligencia e bom gosto.

Sôbre todos os municípios estaduais dá informes seguros e amplos, traçando o panorama geral das suas organizações.

A parte literária é bem feita e merece menção especial a colaboração de Fernandes Távora, Filgueiras Lima, Florival Seraine, Manuel Albano Amora, Paulo Aragão, João Jacques, Boanerges Facó, Andrade Furtado e outros distintos escritores.

E' uma publicação digna do estímulo e cooperação de todos os cearenses.

A VIDA E' UMA SAUDADE — Angélica Coelho — Fortaleza — 1952.

A autora do romance "Ritmos Humanos", editado pelos Irmãos Pongetti, em 1949, com pleno êxito, aparece-nos, agora, com "A Vida é uma saudade" onde a sua ardente imaginação nos dá poemas exuberantes de mocidade, reveladores da força de uma intelligência que, se tivér coragem de enfrentar os revezes, poderá ir longe.

Há nos seus versos a flama de um sentimento lírico e de uma exaltação amorosa que lembram Gilca Machado quando, rompendo preconceitos, diz o que sente, sem disfarce, fiel consigo mesma. Daí, aquelas vibrantes estrofes de *Desejo*, *Retrato*, *Volúpia* ou *Forte como a Morte* que traduzem, pela voz do coração, o temperamento de uma criatura nascida para o sonho, poesia e amor. — M.L.

HISTÓRIA LITERÁRIA DO CEARÁ' — Mário Linhares — Rio — 1948.

O Brasil, mercê da sua extensão e da grande variedade de seus caracteres essenciais, tem numerosos centros literários perfeitamente definidos, que, por isso mesmo, deram já motivo a várias Academias, prenuncios infalíveis de várias Histórias literárias. Destas, aqui temos uma das mais ricas em quantidade e qualidade. É bem a merecia a gloriosa terra do cantor de Iracema. Escreveu-a um poeta cearense, de sério talento e clara visão crítica — Mário Linhares — e realizou-a de fôrma a constituir a mais preciosa fonte de informações e conceitos sôbre esse notável e inextinguível grupo de verdadeiros *bandeirantes* da cultura, em que sobressaem José de Alencar, Juvenal Galeno, Araripe Júnior, Clovis Bevilacqua, Farias Brito e Capistrano de Abreu entre os mais antigos; e Monte Arrais, Leonardo Mota, Gustavo Barroso, Mário da Silveira, Carlos de Vasconcelos.

Herman Lima, Raimundo Menezes e tantos outros dos tempos modernos, a que a magnífica pleiade de "Clã" tem dado seguimento condigno.

Mário Linhares organizou o seu volume com nobre simpatia e rara devoção pelas cousas e pessoas da sua terra mártir. Othon Costa tinha proposto na *Federação das Academias de Letras do Brasil* que se realizasse uma grandiosa História da Literatura Brasileira com as Histórias literárias das suas diferentes regiões.

Mário Linhares cumpriu a parte que lhe coube com excepcional distinção. — Álvaro Pinto (Diretor da revista portuguesa "Ocidente").

VOZES DISTANTES — Carlos Sá — Rio — 1952

Enfeixam-se nesse volume várias traduções de poetas estrangeiros, feitas por mão de mestre.

Carlos Sá, além de cientista e escritor, é um poeta dos mais ilustres da nossa terra. Com seu livro de poesias — *Paisagens* — edição Pongetti, em 1944, mereceu os aplausos da crítica nacional, pelos finos dotes intelectuais que o sagraram á estima de todos. Conhecendo diversos idiomas, suas versões mostram a força da sua inteligencia e sensibilidade, no transplantar para bom português, com os rigores técnicos necessários, poesias de grandes bardos universais. E' tido como um dos melhores tradutores das nossas letras. Aqueles que amam a Arte pura encontram nesse volume um regalo espiritual. — M.L.

JANGADA — Revista da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno — 2º e 3º trimestres de 1952 — Ns. 10 a 12 — Fortaleza.

A Casa de Juvenal Galeno constitue um dos nossos melhores centros de cultura que reúne o escol de Fortaleza, em constantes festas literárias e artísticas. A *Ala Feminina* é uma agremiação modelar e sua revista — *Jangada* — é uma das mais apreciadas publicações no gênero, em nosso país. Sob a Direção Geral de Candida Maria Santiago Galeno (Nenzinha Galeno) e Redação de Jandira Carvalho, dois cultos talentos cearenses, esta revista apresenta brilhante colaboração, destacando-se nesses dois exemplares os trabalhos iniciais sobre D. Bárbara Pereira de Alencar e D. Francisca Clotilde.

Ruth de Alencar, fazendo paciente pesquisa, escreveu um excelente ensaio em que a figura da heroína da revolução de 1817 sobressai num halo de glória. Maria Stela Bárboza de Araujo, num belo estudo, recorda a autora de "Divorciada", em sua vida e obra de professora, poetisa e escritora, num justo esforço de reivindicação. Entre outras colaborações, há uma tocante página de Lígia Soares Bulcão de Vasconcelos sobre o poeta de "Parecias", que é um vigoroso instantâneo, tocado de sua delicada emoção de filha, herdeira dos mesmos dons artísticos. A' sombra da memó-

ria do cantor de “Cujueiro pequenino”, muito se faz pelo desenvolvimento cultural de nossa terra, graças á pugnacidade de sua filha Henriqueta Galeno, também escritora e poetisa de fina sensibilidade.

EM MEMÓRIA — Paulo Epaminondas da Frota — Fortaleza — 1952.

Nesse folheto, há uma comovida homenagem filial ao Dr. Antônio Epaminondas da Frota, no transcurso do centenário de seu nascimento, em 27 de Setembro de 1852. Tocante preito a um varão de excelsas virtudes, cuja vida foi um padrão de caráter, inteligência e trabalho, na conquista de um nome que ficou como exemplo enobrecedor. Nessas breves páginas, se vêm os passos de uma existencia iluminada das ações mais dignas e dos mais puros sentimentos cristãos, fazendo jus ao respeito e veneração dos seus concidadãos. — M.L.

COLETANEA DE POETAS CEARENSES — Augusto Linhares — Rio — 1952.

O plano de uma grandiosa *Antologia de Poetas Brasileiros*, organizada Estado por Estado, foi tentado em 1922, destinada ás comemorações do primeiro centenário da nossa Independência, pelo insigne historiador Rocha Pombo, em colaboração com Andrade Murici e Tasso da Silveira.

Muito se trabalhou nesse sentido e a obra estava a pique de ser publicada. Não o foi, porém, devido á falta de contribuição de dois Estados, creio que Pará e Mato-Grosso. As pessoas incumbidas disso nada fizeram. O material imenso colhido ficou á espera da conclusão, até que veio a perder-se com o desaparecimento da casa editora — Anuário do Brasil.

A parte referente ao Ceará foi, naquele tempo, por mim organizada com a apresentação de poesias de cerca de sessenta autores, com as respectivas notas bibliográficas. Sem ter ficado com cópia, esse trabalho teve o destino dos demais.

Agora, trinta anos após, a “Editora Minerva Ltda.” tomou a feliz deliberação de realizar a velha idéia daquela vultosa obra. Já editou as Coletaneeas de Poetas Sul-Riograndenses, Paulistas, Baianos, Pernambucanos, Paraibanos e Cearenses.

Desta feita, a do Ceará caiu nas mãos hábeis de Augusto Linhares que nos deu uma esplêndida méea de poesias, seguidas de notas críticas e biográficas de real valia, além de subsídios do folclore cearense, com trovas populares de José Alberto, Quesada e Cego Aderaldo.

Presta assim Augusto Linhares mais um belo serviço á nossa terra que, como sempre, aparece diante das suas co-irmãs, com a sua natural louçania, dando a sentir — como diz — a nossa poesia em seu maior perfume e esplendor. — M.L.

ASCENÇÃO — Mário Linhares — Edição Pongetti — Rio — 1953.

Deu-me alguns instantes serenos e felizes, pela idealidade e altitude, a poesia espiritual de "Ascensão". Em meio do caminho da vida, como Dante, e ainda mais na curva derradeira, todos nós, homens imperfeitos, mas perfectíveis, devíamos pensar, com o mesmo desígnio e a mesma energia, que existir humanamente é infinitamente ascender para a beleza e a verdade.

O surto do seu espírito harmonioso transcendeu o âmbito das cousas materiais e efêmeras. Desenvolveu-se a inteligência pela cultura, elevou-se pela fé. Concebeu a vida como esforço e aspiração do próprio ser para galgar o píncaro.

Através da poesia e da realidade, por isso mesmo, chegou á síntese admirável:

"O tempo as minhas ilusões dizima
E tudo, tudo leva de vencida;
Mas o Sonho, a toda hora, nos reanima
E a Fé nossa esperança consolida".

E' indubitável, como nos assinala o último soneto, que vamos caminhando num dédalo povoado de esfinges. Mas o sorriso de Beatriz resfulge nesse labirinto para a sua poesia, tão elevada, quando resvalam outros, perdidos na treva ou alucinados por visões informes. Ao pensador e ao poeta os meus aplausos. — Celso Vieira.

JOSÉ MARIA — Carlyle Martins — Fortaleza — 1952.

Nesse pequeno volume o autor reúne varias poesias dedicadas a seu filho. São páginas de grande ternura e emoção. Há nos seus versos a preocupação do artista cioso que sabe vestir os pensamentos com equilíbrio e bom gosto, mostrando ser aquele fidalgo espírito que se fixou em nossas letras com uma série de livros acolhidos com palmas pela crítica. O poeta de *Colheita de Rosas* ou *Anfora de Estrelas* se apresenta aqui com a mesma dignidade de sempre, sem quebrar a linha de sua conduta estética.

POESIAS — Otacilio Colares — Fortaleza — 1947.

Do movimento de "Clã" é Otacilio Colares um dos elementos mais distintos. Dedicado aos assuntos de artes e letras, tem dado nos setores de sua atividade, as melhores provas de talento e cultura. Aquela sua esplêndida reportagem de há tempos, no "Unitário", sobre a vida de escritores da nossa terra, está a reclamar publicação em volume para ficar em nossos anais literários. Como poeta, aparecera dignamente em "Hóspedes", com outros companheiros. No presente volume de — "Poesias" — vem-nos

com as suas imagens e idéias plasmadas com o donaire de uma nobre inspiração onde o sentimento se traduz em poemas de grande calor emotivo. Pelos seus sonetos de feitio clássico, vê-se que o poeta conhece bem os segredos técnicos do verso, embora use do metro livre quando quer dar maior expansão aos seus pensamentos. Da geração nova é uma das mais belas floreações de sensibilidade e inteligência. — M.L.

O DIREITO SOCIAL E A PROTEÇÃO DO TRABALHADOR MENOR — Mardônio Botelho — Fortaleza — 1953.

MARDÔNIO BOTELHO, Promotor de Justiça na comarca de Fortaleza, acaba de enriquecer a biblioteca jurídica do Ceará com a publicação do seu livro "O Direito Social e a Proteção do Trabalhador Menor", tese com que disputará uma cátedra de docente livre na nossa Faculdade de Ciências Econômicas.

O autor, que aliás já vem ilustrando o magistério em outros estabelecimentos de ensino e é uma das figuras mais expressivas do fóro desta capital, produziu excelente monografia, digna de encômios pelas informações de natureza histórica, pela revelação do conhecimento da matéria versada e pelas conclusões pessoais nela contidas.

Os cinco capítulos que compõem a tese oferecem, de modo brilhante e com orientação moderna, uma síntese do delicado problema do trabalho do menor e das medidas que vem sendo adotadas nas varias legislações no sentido da sua proteção, no interesse da humanidade futura. — M.A.A.

NAIPES — Candida Maria Santiago Galeno, Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, Evangelina Acioli e Heloneida Studart — Edições da Revista Jangada da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno — Fortaleza — 1953.

Enfeixam-se neste sugestivo volume dez crônicas de cada autora, todas bem escritas, de leitura atraente, pelos temas versados e pelo trabalho com que foram levados a efeito.

Candida Maria Santiago Galeno ou Nenzinha Galeno como é familiarmente chamada e querida, em nossos meios literários, dá-nos, em *Trechos de Caminho*, com o aprumo intelectual que é o traço vincante de sua vigorosa inteligência, flagrantes da vida real, animados do frêmito de uma imaginação vigorosa que mostra a força de seu pensamento, tantas vezes, belamente manifestado, em vários gêneros como o conto ou a crítica literária.

Maria de Lourdes Vasconcelos Pinto, uma das poetisas de "Tetra-corde" arroubada e feliz, fixa, em *Encontros*, cenas e episódios, com a gracilidade de seu espírito líricamente inquieto, com o bom gosto e equilíbrio de quem sabe traduzir as suas impressões numa linguagem límpida

e harmoniosa. Evangelina Acioli, com a multiplicidade das suas aptidões artísticas faz vibrar em *Folhas do outono*, a nota delicada das puras imagens e emoções.

Heloneida Studart imprime às suas páginas em *Pulseira de tostões*, a contagiante graça do sorriso que sustem nos lábios, na floração tropical da mocidade. Tudo nela é vivacidade e alegria de viver.

Nesse volume se apresentam, numa nítida demonstração de inteligência e sensibilidade, quatro escritores que atestam, com gallhardia, o nível beletrístico da mulher cearense. — M.L.

ELEGIAS — Mauro Mota — Edição do Jornal de Letras — Rio — 1953.

Considerando a poesia o instrumento fiel das mais profundas emoções humanas, o gênio de Goethe disse: — “Faze da tua dor um poema”.

O parnasianismo, com a sua estética impassível e faquirica, apareceu como reação ao pieguismo romantico, mas não pôde ficar por ser a negação do sentimento lírico. Banville exigia rigidez às estrofes e rimas sonoras e faiscantes pelo poder absoluto das palavras.

A obsessão da Fôrma foi um mal porque prejudicou a emoção poética de uma elite de espíritos que se orgulhavam de fazer

“... des vers emus três froidement”.

Tudo isso passou como um episódio rápido e a poesia voltou ao que devia ser: — a linguagem natural da nossa alma, nos impulsos da dor ou da alegria, da fé ou do entusiasmo.

A dor, precipuamente, é grande sementeira. Ela acorda em nós uma consciência perdida e reintegra-nos na magnitude de um destino excelso de purificação e de superioridade moral.

Cruz e Sousa, num excelente trecho de exortação á Arte, exclama: “Se és vitalmente um homem e trazes o cunho prodigioso da Arte — vem para a Dor, vencedor por senti-la, glorioso por conhece-la e nobilitá-la”.

Mauro Mota, com a publicação desse volume de “Elegias”, dá-nos uma expressiva demonstração disso.

A morte de sua jovem esposa — Hermantine — foi o toque mágico que deu ao seu astro maior força e vibração, em versos que ferem fundo á nossa sensibilidade.

Realmente, nas páginas desse livro há estados de alma que refletem o brilho de uma inteligência de poeta que se apresenta com a melhor distinção. — M.L.

BIBLIOTECA DE DIVULGAÇÃO E CULTURA — “Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará” — de Renato Braga e “O Processo Inflacionário no Brasil” — de Josaphat Linhares — Fortaleza — 1953.

Em compacto volume de mais de 500 páginas, Renato Braga reúne uma série de observações e estudos sobre as plantas do Nordeste e especialmente do Ceará, conseguindo publicar uma obra que, daqui por diante, constituirá um manual de consulta para os interessados em conhecer a nossa fisionomia vegetal.

Não dispúnhamos de um compêndio tão opulento relativo à matéria, salvo o "Dicionário de Botânica Brasileira", de Joaquim de Almeida Pinto, que além de antigo e lacunoso, não tem os esclarecimentos que a presente obra de Renato Braga nos oferece com honestidade e proficiência de mestre.

Eis um volume que nos estava faltando, com a riqueza de substância, numa coordenação perfeita e de fácil manuseio.

A Biblioteca de Divulgação e Cultura, sob a direção de Renato Braga, abre auspiciosamente uma fase nova para a nossa terra, com ensaios e estudos científicos de suma importância, como, por seu turno, se verificou com o belo volume inicial, da autoria de Josaphat Linhares versando sobre — "O Processo Inflacionário no Brasil", onde são estudados, com acuidade e brilho, os vários aspectos da momentosa questão, focalizando-se as suas repercussões na elevação do custo de vida, numa flagrante demonstração de inteligência proba, abnegada e fecunda. — M.L.

CANCIONEIRO DA CIDADE DE FORTALEZA — Organizado por Artur Eduardo Benevides — Edição Clã — Fortaleza — 1953.

O autor é uma das mais nobres figuras das letras conterrâneas, crendenciada pela publicação de uma obra literária que a coloca em ponto alto nos domínios da poesia ou do ensaio, enfim, da nossa cultura.

No presente volume — "Cancioneiro da Cidade de Fortaleza" — conseguiu êle, com inteligência e bom gosto, reunir versos de poetas que celebram a "loura desposada do sol", formando um lindo florilégio que ficará na literatura nacional como uma nota enternecida de exaltação amorosa por esta cidade tão querida.

Para que — numa profana exigência crítica — selecionar as rosas dêsse ramilhete, para nós, belas e olentes, na tocante significação dos seus propósitos, na ternura natural da efusão panegírica?

Artur Eduardo Benevides deu-nos, nessas páginas madrigalescas, uma lição de bondade, de beleza, de poesia, e de encantamento pela Princesa, tão cheia de graça dos seus amavios românticos.

A sua "Terna Louvação", que abre o livro, é um lídimo poema a que não falta o vôo alcandorado da melhor inspiração, fazendo parêlha, páginas a dentro, com outra composição — "Canto de Amor a Fortaleza" — de não menor impulso lírico.

Esse livro foi-nos um verdadeiro presente de festas de fim de ano.

Releva notar que essa interessante antologia é a primeira que, no

gênero, se faz no Brasil, abrindo caminho a outras, num justo louvor ao Brasil. — M.L.

PEQUENA HISTÓRIA DO CEARÁ — Raimundo Girão — Fortaleza — 1953.

“Roteiro” da história do Ceará chamou o autor a esta nova obra que, sobre ter vindo enriquecer-lhe a já rica bibliografia, veio prestar valioso serviço a quantos desejam possuir conhecimentos seguros da evolução histórica dêste árido trato da terra brasileira, desde 1603 até os nossos dias. Mais do que simples “roteiro”, a “Pequena História do Ceará”, de Raimundo Girão, condensa, na relativa angustura das suas 257 páginas, todo o disperso panorama da evolução política do Ceará, pondo no devido relêvo os acontecimentos mais significativos da região, quase sempre condicionados por fatos que se processaram no decurso do evoluer da história pátria.

Escrito em linguagem acessível a tôdas as inteligencias, com elegancia e estilo fluente e animado, o valioso livro de Raimundo Girão ficará assinalando uma época na história da bibliografia cearense. O seu manuseio, por outro lado, dará a todos que se interessam pelas nossas glórias e vicissitudes noção um tanto ampla daquilo que fomos, no passado, disto que somos, na hora presente.

Oxalá que a sua difusão alcance todos os recantos do Ceará e, mais do que isto, chame a atenção dos nossas homens públicos, mercê da exposição dos esforços, lutas e sofrimentos do pequeno aglomerado humano que ocupa o território cearense, para o abandono e desconhecimento em que vivemos, sempre ás mãos falazes de estulto messianismo.

C. F.